

JORNALISMO ALTERNATIVO E O AMBIENTE DIGITAL: ENTREVISTA COM JOHN DOWNING

ALTERNATIVE JOURNALISM IN DIGITAL AMBIENCE: INTERVIEW WITH JOHN DOWNING

Nívea Bona¹

Guilherme Gonçalves Carvalho²

Alexsandro Teixeira Ribeiro³

Rafael Giuvanusi⁴

Jussara Andrade⁵

Denise Becker⁶

Doutor John D. H. Downing é professor emérito da *Southern Illinois University*. Possui extenso currículo no seu envolvimento com os estudos de mídia e foi presidente da *International Association for Media and Communication Research – IAMCR*, organização com mais de 50 anos de existência e que reúne pesquisadores da comunicação ao redor de todo o mundo.

No Brasil, sua contribuição é sentida mais fortemente por aqueles que já passaram pelos estudos de “Mídia Radical – Rebeldia nas Comunicações e Movimentos Sociais”, um

¹ Mestre em comunicação social pela Universidade Metodista de São Paulo e doutora em comunicação pela Universidade do Vale do Rio do Sinos – RS.

² Doutor pela Unesp e mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná. Possui pós-graduação (lato sensu) em Comunicação, Cultura e Arte pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2013) e graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2001).

³ Bacharel em Comunicação Social (Jornalismo) pelo Centro Universitário Uninter- Especialista em Comunicação Empresarial e Institucional pela FACEL. Mestrando em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) - linha de pesquisa Processos de Produção Jornalística.

⁴ Graduado em Comunicação Social - Jornalismo pelo Centro Universitário Internacional (2014) e é integrante do grupo de pesquisa Jornalismo Alternativo na Era Digital.

⁵ Estudante de comunicação social - Jornalismo no Centro Universitário Internacional Uninter, integrante do grupo de pesquisa Jornalismo Alternativo na Era Digital.

⁶ Graduanda em Comunicação Social - Jornalismo Uninter Curitiba. Pesquisadora no Grupo de Pesquisa: Jornalismo Alternativo na Era Digital do Centro Universitário Internacional Uninter. Curitiba. PR.

compêndio de 544 páginas, traduzido e lançado no Brasil em 2002, que está na segunda edição. O livro trata da comunicação realizada por grupos e movimentos com formatos alternativos, rebeldes, criativos e comunitários em diversas partes do mundo.

Atualmente, Downing leciona e realiza pesquisas na *Northwestern University in Qatar*, no Catar, e sua última publicação, ainda não traduzida para o português, é a “Enciclopédia da Mídia de Movimentos Sociais” (*Encyclopedia of Social Movement Media - Sage Publications*, 2011.)

A entrevista foi realizada e traduzida pela professora Nívea Bona, por e-mail, com as contribuições dos integrantes do grupo de pesquisa Jornalismo alternativo na era digital, exclusivamente para a Revista Uninter de Comunicação.

Pergunta: Professor Downing, baseados em sua biografia vemos que seus textos envolvem as mídias existentes entre os movimentos sociais e movimentos de resistência, quase sempre trabalhando muito perto desses movimentos. Há uma discussão na academia de que o pesquisador social precisa “sujar as botas de barro” isto é, estar em campo e envolver-se nos objetos de pesquisa para obter dados mais efetivos e, depois disso, compartilhar essas informações com as comunidades pesquisadas. Qual é a sua opinião sobre esse pensamento e como foi seu envolvimento nos movimentos sociais pesquisados durante a sua vida?

Eu acredito que é crucial se envolver diretamente com as pessoas que participam efetivamente em um projeto de mídia popular, e conversar com uma variedade de usuários, tanto os utilizadores intensivos quanto ocasionais. É claro que as pessoas envolvidas nesses projetos têm, por vezes, fortes conflitos uns com os outros - princípios políticos, talvez decisões táticas, talvez conflitos de personalidade - por isso é vital conversar com todos os lados. E no processo, manter a saúde do projeto sempre no foco, não ter simpatia pessoal com um ou outro lado.

Os movimentos sociais com os quais me envolvi mais estreitamente foram os de quando eu vivia na Grã-Bretanha (até 1980), quando estava envolvido especialmente com organizações anti-racistas, anti-guerra nuclear e organizações voltadas ao trabalho. As funções que eu exerci em universidades norte-americanas foram muito frequentemente

como chefe do departamento, no Texas, por exemplo, com 1100 alunos de graduação e 150 alunos de graduação. Isso não significava que eu era, naquele momento, superior, e não deveria estar envolvido em aspectos práticos! Só significava que havia poucas horas do dia para eu poder realizar o meu trabalho e ajudar as pessoas que estavam na minha equipe a fazerem o delas. Ainda assim, estive ativo no campus em certas questões, como, por exemplo, mobilizando um protesto contra o veredicto da corte racista em Los Angeles, em 1993, que exonerou os policiais que maldosamente espancaram Rodney King, quase matando-o. Partes da cidade de Los Angeles estavam em chamas por causa daquilo.

Os estudos de caso portugueses e italianos, e os estudos de caso sobre o Leste Europeu na Era Soviética foram baseados em semanas ou meses de constante discussão e entrevistas, mas eu não era um ativista deles.

Há uma discussão recorrente nos grupos de estudo que envolvem comunicação comunitária em que alguns defendem que o comunicador deve ensinar as técnicas à comunidade em que se insere para que esses possam produzir suas mídias, suas informações. Outros entendem que esse formato/procedimento de fazer comunicação deve nascer e ser desenvolvido pela própria comunidade. O que seria comunicação comunitária nessa acepção?

A minha visão é que isso precisa ser uma dialética contínua ao longo do tempo, nem um nem o outro por si só. As necessidades das diferentes comunidades variam em diversidade e intensidade, e as capacidades de comunicadores/educadores da mesma forma. No momento em que todos esses fatores são "postos em jogo", é difícil imaginar algo próximo de um único resultado ou processo. Mas nem a "hierarquia", nem as abordagens totalmente autônomas parecem uma boa maneira, para começar. Melhor seria uma conscientização mútua.

Ainda com base na comunicação comunitária, como fica a situação do jornalista, profissional formado muitas vezes para o mercado do jornalismo e a situação do comunicador "amador", construído na própria comunidade? Ambos podem fazer

comunicação comunitária? Quais seriam as fronteiras e cuidados a serem tomados mediante diferentes procedimentos na construção da informação?

Jornalistas profissionais treinados, distintos de “jornalistas cidadãos”, geralmente são treinados para ser comunicadores de “uma via”, entregando a notícia para aqueles que não têm. Eles podem não ser arrogantes em suas próprias atitudes, mas essa é a estrutura dentro da qual eles são treinados para trabalhar e continuar a trabalhar. O "amador" tem todos os tipos de conhecimento, que é pouco provável que o profissional tenha, todos os tipos de intuições, e muito provavelmente prioridades muito diferentes. Mas todos nós estamos precisando constantemente de educação, e um erro típico entre os "amadores" é assumir que a denúncia de quem está no poder é suficiente, ou que a recusa de reconhecer os problemas internos dentro da comunidade é um sinal de lealdade para com a comunidade - em vez de desenvolver formas de notícias, discussão e comunicação que podem ajudar a comunidade a levar certas questões mais a sério, como a violência de gênero, por exemplo.

Normalmente movimentos de resistência a um sistema que muitas vezes pode ser opressor em diversos países acabam por lançar mão da criatividade na hora de expressar suas ideias e requisições. O senhor coloca em Mídia Radical muitos desses exemplos. Nesses estudos, quais deles o surpreenderam mais e por quê?

Na década de 1960, quando eu soube dos navios com rádio-pirata que navegavam a, aproximadamente, 15 km da costa britânica, fiquei surpreso. A maioria deles tocava música pop e não tinha agenda de movimento social real, mas ainda assim... Também nessa época, no centro de Londres e em algumas outras cidades do Reino Unido, uma pequena mídia impressa radical começou a circular, especialmente em manifestações. E havia um monte de manifestações. Os slogans nos muros de Paris em maio/junho de 1968 desafiaram muitos pressupostos básicos sobre como viver: especialmente "Coloque a imaginação no controle!" (*L'Imagination Au Pouvoir!*). Quando, no final dos 1970, ainda na Grã-Bretanha, cheguei a saber do movimento italiano "rádios livres", que no seu auge tinha 80 a 90 estações da efêmera *Federazione delle Emittente Democratiche* (FRED!), eu

também fiquei atônito. Eu tinha crescido em um país e em um continente em que somente empresas ou instituições aprovadas pelo governo podiam fazer rádio ou TV.

Meus outros dois “empurrões” para pensar, desta vez ainda mais cedo, no ensino médio, no final dos anos 1950 foram, em primeiro lugar, os poemas de guerra de Wilfred Owen, um soldado gay da Primeira Guerra Mundial, que lutou durante anos nas trincheiras (e foi morto na última semana da guerra). Eu nunca tinha pensado em poesia como algo subversivo antes, e Owen pregou o horror e inutilidade das guerras imperialistas. E, em segundo lugar, o ataque verbal obsceno e blasfêmo à hipocrisia religiosa no final do *The Pardoner’s Tale* (O conto do “perdoador”) publicado em *Contos de Canterbury* de Geoffrey Chaucer, escrito em 1475, que me mostrou as raízes profundas e a continuidade da comunicação subversiva.

Não há como evitar discutir o advento da Internet e a munição ofertada por este para movimentos sociais e rebeldes a fim de driblar as comunicações hegemônicas. Nesse meio é possível expor a diversidade de argumentos, criações e opiniões dos mais variados grupamentos. Mas ainda temos o problema de acesso do público que poderia receber esses estímulos tanto aqui na América Latina como em outros países da África ou Ásia. Na sua opinião, o advento da internet pode ser comparado ao advento da prensa de Gutemberg também para os movimentos sociais ou não?

A imprensa foi utilizada tanto por ativistas da Reforma Protestante quanto pela hierarquia católica. Nesse sentido, também a Internet pode ser usada por uma variedade de forças sociais, desde os racistas e neofascistas até os ativistas da justiça social. No entanto, com o passar dos anos, fica claro que muitos regimes em nosso planeta, de Washington a Pequim, veem isso somente como uma oportunidade de serem calados ou controlados das maneiras que eles mesmos inventam. Ou, ainda, como um instrumento de vigilância do Estado. Ou para a vigilância comercial, como por exemplo, pelo Google. “A luta continua”...

Ainda colocando a Internet como impulsionadora da globalização tanto de problemas, como notícias e iniciativas, qual a sua opinião sobre esse meio ser visto como o formador de redes de movimentos e de pressão, como temos visto com os Ayotzinapa,

no México, em que o mundo inteiro vira seu rosto para o ocorrido ou tantos outros, como a Primavera Árabe e o 15M na Espanha?

São momentos muito encorajadores. Mas a tecnologia somente “permite” a construção do movimento, a menos que regimes de governo intevenham para espionar e proibir. A tecnologia não constrói o movimento.

Dentre as opções de mídias que podem democratizar a informação, qual delas seria mais propícia na sua opinião, em vista do fraco acesso à internet em diversas regiões do globo?

Esse é um ponto importante. A fraca ou inexistente alfabetização são questões importantes também. Eu suspeito que o rádio continua a ser central e vai continuar por algum tempo ainda.

O conceito de um jornalismo alternativo ou mesmo de uma mídia alternativa, principalmente no Brasil, tinha muita força durante os anos em que tivemos uma ditadura, em que o Estado, claramente se mostrava uma força repressiva, que se juntava ao poder econômico e deixava milhares às margens. O alternativo era o oposto do que se construía numa mídia hegemônica. Podemos ainda pensar que o conceito de hegemonia de Gramsci pode ser usado nos dias atuais ou houve uma crescente complexificação das relações sociais e comunicacionais apagando um pouco os “dois lados” e criando diversos lados?

É impossível ver, neste momento da história, um grupo “coeso” em ação coordenada universal, embora eu considere que os dependentes de salários, independentemente da sua profissão ou convicções políticas, têm essa realidade em comum. No entanto, existem inúmeras complexidades e dinâmicas, como as de gênero, “raça”, as crenças religiosas, língua, região, bairro, acesso à educação, que se interconectam com a dinâmica estritamente econômica. O pensamento de Gramsci precisa ser construído além, desenvolvido imaginativamente, e estou certo de que ele seria o primeiro a concordar se ele ainda estivesse aqui. O que eu gosto sobre a sua abordagem é o seu foco no longo prazo. A hegemonia é mal compreendida se for vista simplesmente como manipulação da

mídia, por exemplo a propaganda a favor da guerra de 2003 contra o Iraque. Precisamos pensar em décadas e em gerações - aquele momento em 2003 e os anos que se seguiram logo após foram importantes, e parte do processo hegemônico. Esse processo é mais longo, mais profundo e mais abrangente do que um único momento, mas desastroso.

Com base ainda na discussão anterior, há uma mídia que podemos entender como “alternativa” nos dias atuais? Na sua opinião quais seriam as características que poderiam defini-la: processos de produção, temáticas abordadas, resultados almejados? Ou é melhor entendê-la como radical, popular?

Eu acho que a estrutura organizacional, o conteúdo, a estética, a linguagem, a entrada na comunidade, os modos de financiamento, são todos parte do "alternativo".

Por favor, comente a situação do profissional jornalista, frente a maior disseminação de informações pela internet numa era em que todos se tornam produtores e receptores no ambiente digital.

O financiamento necessário para apoiar o jornalismo, especialmente o bom jornalismo investigativo e global, é a questão chave. Qualquer um, a princípio, pode ter bons valores e motivação jornalísticos. Mas quem vai pagar essa pessoa para colocar esses talentos para trabalhar por anos e décadas? Jornalistas “cidadãos” são essenciais. Mas eles nunca podem substituir jornalistas profissionais.

Como editor de revistas científicas, tendo feito parte da *International Communication Association* e tendo liderado a *International Association for Media and Communication Research* por alguns anos, como você vê a pesquisa em comunicação nas diferentes regiões do mundo? As universidades têm realmente cumprido seu papel de dar visibilidade às diversas iniciativas de comunicação e trocado informações com comunidades populares, rebeldes e alternativas, ou se mantém na mesma “torre de marfim” com o conhecimento apartado dessas iniciativas?

Vejo que continua, principalmente, na “torre de marfim”. Os casos em que isso parece não acontecer, devem ser examinados cuidadosamente. Um exemplo seria recolher

informação de movimentos sociais, com a desculpa de tornar o “tratamento de dados” e políticas mais eficazes, o que muitas vezes não é construtivo para a comunidade. Essa seria uma estratégia da “torre de marfim” perfeitamente aceitável.

O outro problema crucial, desta vez com os professores e pesquisadores sinceros e trabalhadores, é que a informação que eles recolhem e os argumentos que constroem, muitas vezes não são compartilhados suficientemente com as comunidades que poderiam usá-los. São necessárias outras versões textuais das pesquisas, curtas e claras, voltadas para a comunidade em geral. Mas aí tratamos de outro viés desse cenário, em que muitos pesquisadores universitários estão sendo “proletarizados”, trabalhando mais e mais pelo mesmo dinheiro... Assim, o tempo para reescrever essas pesquisas torna-se cada vez menor.

Por favor, fale um pouco sobre a rede de contatos *ourmedia/nuestros medios* fundada em 2001 e quais os resultados que podem ser medidos até o momento. (<http://www.ourmedia-network.org/>)

Organizamos conferências de baixo custo nos EUA, Catalunia, Colômbia (duas vezes), Brasil, Índia, Austrália, Gana e Irlanda (a última em 2013). A rede ainda tem um servidor de mensagens de email, mas a dependência de fundos externos impediu esse servidor de continuar na década de 2010 como o fez na década de 2000. Nenhuma conferência está atualmente prevista, pelo que sei até o momento (eu tenho ensinado nos últimos dois anos na Turquia e no Catar, mas nada chegou ao meu conhecimento até agora). A contribuição dessa lista de emails, enquanto estava ativa, foi conectar ativistas de todo o planeta que até então não tinham conhecimento dos trabalhos e projetos uns dos outros. Essa lista ajudou a superar a solidão de muitos, o que às vezes torna difícil continuar. A memória significa que muitas pessoas sabem agora que há muitos projetos em ação, independentemente se sabem deles ou não. Os que participaram de uma ou mais conferências, representam um foco de atenção e energia que, em muitos casos, continua por décadas.